

Migração judaica na cidade de São Paulo (1960 – 1970)

LUCIA CHERMONT*

A apresentação que segue é composta de algumas das reflexões desenvolvidas na minha dissertação de mestrado, que busca apreender a vivência e a experiência de alguns judeus que optaram por morar no bairro de Higienópolis e arredores.

Em meados do século XIX a cidade de São Paulo transformou-se totalmente. Com a expansão do comércio cafeeiro, a população cresceu e a cidade logo se expandiu. Outra grande transformação ocorrida na virada do século XIX para o XX foi a configuração de uma segregação espacial, isto é, criaram-se territórios específicos e separados para cada atividade e para cada grupo social. Isso se deu por meio da constituição dos bairros proletários e dos loteamentos destinados ao público de alta renda; da apropriação e reforma do centro urbano pelas novas elites dominantes; e da ação discriminatória dos investimentos públicos e da regulamentação urbanística. É exatamente nesse processo de expansão urbana que se dá o loteamento do bairro de Higienópolis, levado a ocorrer através da iniciativa de Victor Nothmann, judeu alemão, e Martinho Buchard, também judeu, de origem alsaciana¹.

O local onde nasceu o bairro era, em 1880, formado por chácaras autossuficientes que possuíam pomar, criação e cultivo de gêneros para a subsistência dos seus moradores, os quais eram, em sua maioria, fazendeiros ligados ao negócio do café. O loteamento do bairro de Higienópolis acontece primeiro em 1893, com o nome de Boulevard Buchard, e depois em 1895, como Boulevard Buchard II. A área foi loteada para a formação de um bairro que segmentasse e excluísse setores menos favorecidos da sociedade, uma vez que o loteamento tinha como objetivo a criação de um bairro para pessoas com poder aquisitivo elevado e com

* Coordenadora de atendimento, pesquisa e educação do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, mestre em História Social - PUC/SP

¹ Natural da Alsácia, território francês anexado à Alemanha em 1870.

recursos para construir mansões com ajardinados em volta. A valorização da paisagem deu-se pela altitude – apresentada como um elemento benéfico à saúde, o que também justifica o nome Higienópolis, dado mais tarde à região – e pela arborização, feita à maneira europeia. Os novos moradores eram, além dos já existentes barões do café e seus descendentes, elementos de projeção econômica. Era um período de forte influência europeia; logo o bairro tornou-se foco das manifestações culturais da elite paulistana, com saraus literários na casa de Dona Veridiana² e com a idealização da *Semana de 22* na residência do escritor Paulo Prado.

A imagem de “local da elite” continuou sendo incorporada pelo bairro mesmo quando essa já não era sua realidade. Os anos da Segunda Guerra Mundial dilaceraram a Europa, mas para São Paulo foram anos de fortalecimento da indústria e aumento da densidade demográfica, o que acarretou outra expansão territorial da cidade. Principalmente a partir dos anos 1940, surgiram as primeiras formas diferentes de moradia, a introdução de novas técnicas de construção – como o concreto armado –, de diferentes materiais e do uso do elevador. Higienópolis foi pioneiro nessa fase “modeladora” da cidade, sendo um dos primeiros a romper com a horizontalidade paulistana. Apesar da tentativa de levar para os prédios o luxo e o conforto das residências, esse processo gerou a saída gradual de algumas famílias que viviam no bairro, as quais migraram para o Pacaembu e para os Jardins. Alguns palacetes ficaram fechados, enquanto outros se transformaram em escolas, pensões e até em

² Veridiana Valéria da Silva Prado era filha de Antônio da Silva Prado, o Barão de Iguape, próspero comerciante de açúcar e tropas. Ela se casou, em 1838, com seu meio-tio, Martinho da Silva Prado, que se tornou importante cafeicultor. Tiveram seis filhos, os quais atuaram na política paulistana. Em 1877, separou-se do marido, para espanto da sociedade paulistana. Assumiu publicamente papéis usualmente atribuídos ao sexo oposto: atividade cultural, prestígio político, administração de propriedades agrícolas e atividade de importação.

cortiços. Perde-se, assim, a exclusividade residencial do bairro e sua população aumenta quinze vezes.

Em São Paulo, nos anos 1950, deu-se o início de um processo de mudanças na configuração urbanística da cidade e do bairro de Higienópolis. Seus lotes amplos, a proximidade do Centro, a farta rede de transportes coletivos e a tradição da rede escolar atraíram o investimento por parte das construtoras e também o interesse do público. Isso impediu que ele tivesse a mesma sorte de outros bairros, como Campos Elíseos e Santa Ifigênia, que perderam suas características residenciais e se transformaram totalmente em zonas comerciais. Em Higienópolis a sofisticação ficou por conta da imagem que se viu nas fachadas e entradas dos prédios de apartamentos, construídos, a maioria, em estilo neoclássico ou em outros estilos arquitetônicos que passavam a sensação de requinte aos novos moradores. Mesmo os apartamentos menores gozavam de certo prestígio. Naquele momento, eram poucos os remanescentes das antigas famílias e o bairro foi sendo progressivamente habitado pelas classes média e média alta.

As famílias dos judeus objetos desta pesquisa vieram para o Brasil de vários países e em períodos distintos. A bagagem cultural dessas pessoas também era bastante diversificada, pois, por exemplo, alguns vieram de locais onde a mulher tinha o direito de votar já no século XIX e outros vieram de locais onde no mesmo período existia a poligamia. Entretanto, todos os entrevistados têm em comum o fato de terem morado no bairro de Higienópolis e arredores em algum momento das décadas de 1960 e 1970.

Ao verificar as narrativas dos entrevistados que viveram em Higienópolis, descobre-se que na década de 1950, o Sr. Alain Bigio veio do Egito aos oito anos e, em pouco tempo, em 1953, já estava instalado numa casa no bairro de Higienópolis com toda sua família imigrante.

4

Sobre as motivações da instalação de sua família no bairro, ele conta que sua mãe e os tios falavam que a escolha se deu ainda no navio que vinha para o Brasil. Verdade ou não, a narrativa expressa um interessante componente grupal e étnico. Ele conta que seu pai e seu tio gostavam de jogar *brigde* e foram procurar no navio parceiros para jogar. Após um tempo de jogo, descobriram que todos os jogadores eram judeus. Um deles perguntou-lhes onde iriam morar e eles disseram que não sabiam. Segundo a lenda familiar, foi um dos jogadores que disse que o bairro de Higienópolis era o local para onde os judeus do Bom Retiro estavam migrando. Os atributos do bairro, segundo o jogador, eram, além de ser o local para onde estavam indo os judeus, ser próximo do próprio Bom Retiro, do Centro e ser um bom bairro. Então, para o Sr. Alain, Higienópolis era um lugar seguro para sua família – que tinha fugido das manifestações antijudaicas no Egito – em função da existência de outros judeus. A proximidade do centro da cidade permitiria livre locomoção e acessibilidade ao comércio existente e, dessa forma, o status de sua família também estaria mantido, pois era um bairro bom, de alto nível. Ele conta que ficaram mais ou menos um mês num hotel na Avenida São João, pois nesse período o pai e os tios do Sr. Alain andavam a pé pelo bairro procurando um imóvel para alugar. Seu tio, o mantenedor familiar, alugou um casarão na Rua Baronesa de Itu, onde foram morar as seis famílias, como se fosse uma pensão. Para o Sr. Alain, o fato de morar no bairro e dentro de suas fronteiras é comentado de forma a incluir sua família como moradora do bairro de Higienópolis. A rua que ele citou não pertence ao bairro de Higienópolis pela divisão da Prefeitura, mas ele denomina assim em razão de ser território de ocupação de alguns membros da comunidade judaica que se estabeleceram ali e denominam a região dessa forma.

Também na década de 1950, Myriam Chansky, após o casamento, foi morar nas adjacências do bairro. Na construção de seu relato, a questão das fronteiras do bairro – onde começa e onde termina – aparece e, em vários momentos, ela tem dúvida se o lugar que morou fica em Higienópolis ou não, mas independente do local pertencer ou não ao bairro, a Sra Myriam se considera incluída, pois fica perto do bairro e para ela “já é Higienópolis, né?”. A maneira da Sra. Myriam olhar essas fronteiras é bastante diferenciada da forma que a Sra. Olivia olha, pois esta delimita o bairro da Rua Itápolis até a Avenida Higienópolis; para baixo da Avenida Higienópolis denomina Santa Cecília. Ao trazer esses fatos, estou em busca dos limites do bairro que cada um criou para si, independentemente das delimitações administrativas. A Sra. Olivia conta que em sua infância e em sua juventude tinha a sua turma, que morava na parte de cima, que ia da Rua Itápolis até a Avenida Higienópolis; e também tinha a turma de baixo, os que moravam na Santa Cecília. Desta forma a Sra. Olivia está se diferenciando dos que moram fora do que ela considera a região “nobre” ou “verdadeira” do bairro, está se afirmando como parte de uma elite do bairro. A questão das fronteiras do bairro foram trabalhadas de maneira diferenciada pelo Sr. Alain, que se mudou com toda família para a Rua Baronesa de Itu, situada na “turma de baixo”, na delimitação da Sra. Olivia. Para ele, entretanto, estavam se instalando no bairro de Higienópolis.

A aquisição do apartamento do casal Chansky se deu por meio de um processo que encontrei com muita frequência nas narrativas relativas à década seguinte: a compra por meio da incorporação³. Esse grupo do qual trato criou uma rede de sociabilidade por meio do fato

³ O significado jurídico da expressão “incorporação imobiliária” deve ser entendido como sendo o meio pelo qual alguém (pessoa física ou jurídica) constrói um edifício, com diversas unidades autônomas, em um terreno de outra pessoa. O dono do terreno geralmente recebe como pagamento unidades do prédio construído. A empresa que promoveu, isto é, que administrou a feitura da obra em parceria com o dono do terreno e que efetua

de que se adquiria um imóvel na mesma região onde os conhecidos, judeus parentes, estavam construindo ou incorporando. A escolha do local de moradia do casal foi feita pela família de seu marido em 1956, mas ela fez questão de mencionar que a contribuição financeira veio em parte do pai dela e em parte da família do marido. Ela trouxe em sua memória uma fase de muitas construções no bairro. Informa que havia uma companhia chamada Lusar, a qual pertencia a dois imigrantes judeus que construíram o prédio em que ela foi morar em Higienópolis. Seu sogro conhecia os donos da Lusar porque tinha participado, anos antes, da construção de um prédio de escritórios na Avenida Ipiranga. Apesar de a Sra. Myriam trazer em seu relato a questão do “fazer negócio com outros judeus” e não só no bairro de Higienópolis e arredores, o negócio de judeus não era, até aquele momento, para judeus. Ela relata que a sua era a única família judia do prédio.

A maioria dos entrevistados foi para o bairro na década de 1960. Encontrei vários fatores que motivaram a ida de moradores para essa região, como construção de prédios por pessoas da mesma família, amigos ou grupos de conhecidos, nas quais algumas unidades ficaram para membros da família; o fato de os locais de moradia anteriores não servirem mais; a localização, que facilitava a vida de um jovem casal cujo marido estudava à noite; o aumento do número de filhos, entre outros. Alguns foram motivados pela forte concentração judaica, e outros não. Os entrevistados que chegaram ao bairro na década de 1960 são: Israel e Leon Diksztejn, em 1962; Geny Serber, em 1964; Cecília Sztutman, em 1965; Victor Sayeg, em 1965; Raquel Mandelbaum, em 1968, e Arieh e Sima Halpern, em 1969.

Alguns entrevistados mencionaram ter morado em alguns bairros da cidade, às vezes em vários endereços em um mesmo bairro. O trabalho, o aumento da quantidade de filhos, a escola, várias motivações foram responsáveis por essas mudanças de local de moradia. Os entrevistados que moravam no bairro do Bom Retiro, que tinha sido o local de constituição de território de muitos judeus, tempos depois já não o viam da mesma forma. A Sra. Raquel, que veio do Rio de Janeiro assim que casou, inicialmente não gostou de São Paulo, nem do Bom Retiro. Morou em dois lugares no próprio bairro, sempre em função do trabalho do marido, que era médico. Sua última moradia na região foi na Rua José Paulino, e ela relata sua experiência como moradora dessa rua no final dos anos 1960 da seguinte maneira: “morar na José Paulino começou a ficar naquela época já muito ruim. Muito comércio, não tinha onde estacionar os carros e dava medo já de sair à noite.” Essa fala contrapõe-se ao seu relato sobre o bairro de Higienópolis, que, segundo ela, tinha tudo mais perto, era mais bonito e mais arborizado; isto é, quando comparado ao Bom Retiro, Higienópolis apresentava um status bem melhor. Apesar da aparente melhora de status em função de todos esses atributos do bairro, ela afirma que o fato de ter uma prima que morava na Avenida Higienópolis colaborou na decisão da mudança. A Sra. Raquel, mesmo já morando com sua família há vários anos em São Paulo, considerava-se carioca, pois quando comenta da prima que morava no bairro de Higienópolis, qualifica-a desta forma: “ela [a prima] também era sozinha, que ela também era do Rio [de Janeiro].” Para ela, o casamento com um médico apresentou uma cobrança social e uma ruptura nos costumes da sua cidade natal. Ela compara as duas cidades da seguinte forma: “São Paulo era uma roça, o Rio de Janeiro era a capital do País. Em São Paulo, naquela época, mulher não podia usar calça comprida, ainda mais a mulher do doutor.” A proximidade com alguém de sua família, que vinha do mesmo local e tinha os mesmos

costumes, tirava-a do isolamento dos hábitos e costumes de sua terra natal e a fazia sentir-se menos “estrangeira”.

Outra entrevistada que narrou ter morado em outra cidade e também veio morar em São Paulo após o casamento foi a Sra. Cecília Sztutman; porém, diferentemente da Sra. Raquel, ela não se sentia estrangeira na capital paulista. Para a Sra. Cecília, os costumes e hábitos encontrados em São Paulo não apresentaram estranheza, muito provavelmente por isso ela conseguia se sentir mais acolhida e integrada na cidade. Diferente da Sra. Raquel, ela conta que, quando casou, logo começou a trabalhar com seu marido. Seu sogro tinha o costume de dar uma loja de presente a cada filho que casava, e o marido dela, que era o mais novo, ganhou do pai uma loja na Rua São Caetano. Mas logo transferiu o endereço comercial para a Rua José Paulino. A escolha da primeira moradia do casal foi influenciada pelo fato de quererem estar localizados entre o trabalho no Bom Retiro e a casa dos sogros na Lapa. Sendo assim, decidiram morar na Água Branca. Ela conta que decidiram se mudar, em parte, influenciados por “um patrício” que construiu um prédio grande na Avenida Rio Branco; eles compraram o apartamento na planta e a maioria dos moradores eram “patrícios”.

Esse caso já é distinto do da Sra. Myriam, no qual os construtores eram judeus, mas a maioria dos compradores não. Segundo a Sra. Cecília, ela e seu marido, conheciam o construtor e sua mulher, os quais eram professores – afirmação que me causou estranheza, porque professor não é a profissão oficial de construtores e incorporadores de prédio. O Sr. Israel também afirmou que seu pai “era incorporador nas horas vagas”. Esses relatos trazem práticas que devem ter sido frequentes num determinado período da cidade, mais especificamente durante o processo de verticalização, pois encontramos grupos se

organizando e promovendo a mudança da paisagem não só em Higienópolis, mas também em outros bairros.

Sobre esse mesmo processo, também vivenciado pela Sra. Myriam – ela comprou outro apartamento no mesmo bairro nos anos 1960 –, ela informa que viu seus amigos também saírem do bairro do Bom Retiro. Com relação a isso, ela tem sua própria explicação sobre como eram feitas as negociações: “todo mundo entrava num rolo... fazia uma sociedade, cada um comprava uma porcentagem do terreno e depois ia contribuindo mensalmente para construção”. Para ela, inclusive, participar dos grupos que estavam articulando essas transformações na cidade e as incorporações era um privilégio, acessível para poucos e influentes. E é nesse contexto que ela expressa sua concepção de ascensão social. Essa percepção é totalmente diferenciada da visão da Sra. Olivia, que considera o processo de verticalização e as novas construções em Higienópolis como uma desconfiguração e uma queda de nível do bairro de sua juventude.

A ida da Sra. Cecília para o bairro de Higienópolis se deu também pela oportunidade, mais uma vez, de comprar um apartamento na planta, o qual novamente foi um patrício quem fez. Entre as motivações, ela menciona que “não imaginávamos que teríamos mais filhos e o outro apartamento ficou pequeno”. Na narrativa, não coloca os atributos do bairro, mas exalta o adensamento judaico em Higienópolis, que, para ela, foi muito positivo, principalmente para seus filhos. Segundo a Sra. Cecília, o bairro não era habitado por judeus, mas estes foram, cada vez mais, migrando para essa região, fato que gerou um grande núcleo social que permanece no local até hoje.

Dentre os narradores que saíram do Bom Retiro, como os irmãos Diksztejn, o Sr. Israel se casou e foi morar em um prédio na Rua Eduardo Prado, mas logo mudou-se para

Higienópolis, para um prédio que o pai dele tinha incorporado. Segundo o Sr. Israel, que comenta com muito humor, “ele [o pai] era incorporador nas horas vagas”. O construtor do prédio para onde mudaram era casado com uma prima sua; “era preço de custo, todos patrícios”. O que facilitava a mudança para o bairro era o fato de o empreendimento ser comercializado entre conhecidos e parentes. Para o Sr. Israel, os judeus estavam tão ativos nesse ramo de atividade – o processo de verticalização – que ele se lembrou de uma conversa que teve naquela época, na qual se comentou que a construção de prédios e edifícios era identificada como engenharia de judeus “Eu me lembro que eu tava no DR lá, dois engenheiros falando se ele fazia apartamento. Ele falou: Eu não... eu faço ponte, não faço engenharia de judeu.”⁴ Quando perguntei a ele sobre a concentração judaica no bairro, e por que muitos judeus vieram pra cá, ele respondeu: “você sabe que o judeu é um povo gregário, né? Se sente bem com os iguais.” Diferente da Sra. Olivia, que afirma que não foi criada para viver no gueto, e também diferente da Sra. Myriam, que veio antes da concentração, apesar de ter ficado muito satisfeita com a vinda dos seus amigos do Bom Retiro. A vinda do Sr. Israel e da sua família para o bairro de Higienópolis foi, na visão dele, grupal, com o objetivo de constituir território. Eram parentes e conhecidos se articulando para promover essa mudança. Para ele, a concentração judaica no bairro foi um processo natural de todo judeu, por ser, segundo ele, um povo gregário.

Seu irmão, o Sr. Leon, qualifica de maneira diferente essa mudança. Ele foi morar em para Israel quando tinha 20 anos, ficou quatro anos por lá e voltou. Quando retornou, segundo ele, “todo mundo estava mudando do Bom Retiro”. Perguntei por que todos estavam mudando de lá e ele disse que “era mais chique morar do lado de cá”. O Sr. Leon é dos

⁴ Entrevista concedida a Lucia Chermont por Israel Dikszejn. São Paulo, 15 abr. 2010.

poucos que entrevistei que relatam abertamente que a mudança para o bairro de Higienópolis se deu em função de o bairro ser “chique”, ou por apresentar um status ou demonstrar uma ascensão social maior.

Duas entrevistadas, a Sra. Raquel e a Sra. Póla, fizeram questão de falar que não mudaram para Higienópolis em função do prestígio do bairro, pois quando mudaram ele não tinha nenhum prestígio. A Sra. Raquel comenta que, quando mudou, “Higienópolis, não era Higienópolis de hoje”, mostrando que desconhecia a história do bairro ou, ao menos, que a história do local não tinha tanto sentido para ela. Já a Sra. Póla informa que o bairro não tinha nenhum atrativo quando ela se mudou, não tinha comércio. Para ela, um bom bairro não era aquele com origem aristocrática, mas com serviços e comércio dos quais os moradores pudessem se beneficiar. Isso também apresenta a questão do que é um bom bairro para cada um.

O Sr. Leon comenta que a trajetória de sua família até o bairro se deu da seguinte forma: eles ficaram morando uns dois anos na Rua Barão de Limeira, num apartamento alugado, até que o apartamento que seu pai tinha incorporado ficasse pronto. À medida que o tempo passa, os territórios vão assumindo novos significados. O bairro do Bom Retiro – que para ele e sua família tinha sido tão impactante quando chegaram da cidade de Jaú, no interior de São Paulo – já não tinha o mesmo charme, nem a concentração judaica, e não denotava a ascensão social daquele momento da vida comunitária. Para ele, já naquela época da mudança de sua família, Higienópolis era um bairro bem judaico: “não tinha as sinagogas que tem hoje, mas era um bairro judaico. O apelido do bairro diziam... ‘Higienopolish’.” Isto é, para ele era habitado pelos judeus poloneses.

Sobre a questão da diversidade da percepção do bairro como judaico ou não é a narrativa de Sima e Arie Halpern. Eles foram casados e se mudaram para o bairro, mas, no momento das entrevistas, já eram separados há muitos anos. A Sra. Sima e o Sr. Arie relataram que a mudança para o bairro, na época em que se casaram, deu-se em função do Sr. Arie trabalhar o dia todo e fazer faculdade no Mackenzie no período noturno. Para facilitar, o pai da Sra. Sima deu a eles um apartamento perto da faculdade. Quando perguntei se em 1969, quando mudaram, Higienópolis estava entre opções de bairro para morarem devido à concentração judaica, eles tiveram respostas diferentes. A Sra. Sima afirma que já tinha conhecimento de tal concentração no bairro, mas que essa não foi a motivação para mudarem-se para lá. Enquanto para o Sr. Arie não existia no bairro concentração judaica naquele período, pois a falta de comércio ou mercearia que vendesse produtos judaicos era representativa da não concentração judaica no local. Para ele, a vivência judaica não estava em questão, pois trabalhava o dia todo e à noite estudava. Já a Sra. Sima afirma que andava a pé pelo bairro, e frequentava a praça, inclusive. Fez muitas amizades pelo bairro e comenta que as mães eram todas judias. Como seu território era o do cotidiano, ela ia ao mercado, à rua, à praça. O estabelecimento ou não do comércio étnico segmentado para a comunidade judaica na época não era tão relevante, já que tinha outras formas de sociabilidade judaica no bairro.

Já Geny Serber mudou-se do Bom Retiro para os Jardins não porque o Bom Retiro não servia mais ou porque o bairro dos Jardins era melhor, mas porque seu pai administrou a construção de um prédio no local e ficou com duas unidades. Era mais uma vez o negócio familiar dando a indicação da mudança do local de moradia no interior da cidade. A mudança dos Jardins para Higienópolis, na narrativa da Sra. Geny, foi positiva principalmente pela

proximidade com o bairro do Bom Retiro, onde seus filhos estudavam, e pela existência de comércio na região. A narrativa dela contrapõe a dos outros entrevistados que saíram do Bom Retiro. Para ela, que veio dos Jardins, a proximidade do Bom Retiro era o diferencial de Higienópolis. Ela comenta que seu pai, nos anos 1960, fechou a fábrica e mudou de profissão, virou administrador, incorporador de prédios. Neste caso, não estamos diante do incorporador das horas vagas, como o pai do Sr. Israel, ou do professor da Sra. Cecília, mas de um profissional da atividade. A vinda da Rua Peixoto Gomide, nos Jardins, para Higienópolis se deu porque seu pai construiu um apartamento maior no bairro. Sobre o processo de vinda para essa região, a Sra. Geny faz uma narrativa cheia de informações sobre as estratégias usadas para se beneficiar das condições econômicas e resalta também o clima de repressão e perseguição políticas pelo qual o país estava passando:

Naquela época da inflação a gente vendeu um apartamento. É que tinha valorizado, e com esse dinheiro você podia pagar o outro... nós fomos morar numa casa alugada nesse meio tempo... em 1965 ou 1964... depois da Gloriosa. Quando a gente foi para o apartamento em Higienópolis a gente foi rapidinho porque era 64, o Aílton fazia parte do Teatro Arena e a coisa lá tava brava. A gente se escondeu uma época e tal. Depois quando a gente viu que nada aconteceu, a gente voltou pra casa. Então, nós mudamos rapidinho... assim que deu pra mudar. Ainda deixamos a casa um tempo alugada. Porque tinha gente que estava usando. Precisando da casa pra se esconder.⁵

⁵ Entrevista concedida a Lucia Chermont por Geny Serber. São Paulo, 13 out. 2010.

Uma mudança das famílias judias que residiam na Mooca em direção ao bairro foi relatada pelo Sr. Victor Sayeg quando perguntei por que sua família saiu da Mooca – onde havia uma das sinagogas na Rua Odorico Mendes – para morar em Higienópolis. Ele respondeu que isso aconteceu porque a comunidade judaica da Mooca toda estava mudando para Higienópolis. Seus tios, primos, parentes estavam seguindo esse caminho. Ele, assim como o Sr. Leon, diz abertamente que essa mudança representava uma ascensão social e acredita que tal ascensão ocorria com frequência na comunidade. Sua vinda para Higienópolis se deu em função dos fortes laços familiares e étnicos com a comunidade judaica que se concentrava na Mooca, e também por representar uma ascensão social, não só de sua família, mas de toda a coletividade judaica daquele bairro. Para ele, a coletividade não significava todos os judeus de São Paulo, mas o núcleo concentrado na Mooca, tanto que a construção da sinagoga desse grupo se deu em 1974. Para o Sr. Victor, foi uma mudança para ficar e não uma mera oportunidade de comprar um apartamento a preço de custo. Foi uma migração étnica, de um grupo que ascendeu economicamente e não quis mais permanecer no bairro anterior, a Mooca – símbolo da imigração e dos anos de luta pela sobrevivência –, da mesma maneira como havia ocorrido no bairro do Bom Retiro. Em 1962, quando o Sr. Victor se mudou para Higienópolis, a sinagoga Monte Sinai, na Rua Piauí, ainda não havia sido construída. O terreno para a sua construção foi comprado em 1971, mas ele coloca a sinagoga como fator principal da mudança da sua comunidade. Independentemente da existência ou não da sinagoga, o fato é que para o Sr. Victor ela era o símbolo centralizador dessa mudança.

Já o rabino Jacob Begun e a Sra. Póla Antonieta Bergel Cohen mudaram-se para Higienópolis na década de 1970; ele em 1970 mesmo e ela em 1972. O rabino traz no seu relato um forte sentimento de pioneirismo. Na adolescência, ele foi para Nova Iorque estudar

na *yeshivá* do movimento Lubavitch, casou-se e, logo depois, o *Rebe*, líder máximo daquele movimento, o chamou e disse que gostaria que ele se tornasse o primeiro emissário do movimento no Brasil. Como tal, fixou-se na cidade do Rio de Janeiro, segundo as orientações do *Rebe*. Sobre sua vinda para o Brasil comentou que sua esposa, neta de uma grande personalidade do movimento e membro de uma “família muito tradicional” do movimento ortodoxo, nunca imaginou que viria para o Brasil. Compara o Brasil com Nova Iorque e afirma que aqui nada tinha de *kashrut*⁶ – a alimentação apropriada de acordo com os preceitos judaicos. Para o rabino Begun, nos EUA todo o judaísmo e *kashrut* estava “à mão e em lata”, e no Brasil o judaísmo ortodoxo estava por ser organizado, pois aqui ele existia de forma bastante precária. Mas essa situação não parecia nenhum problema para ele, pois relata de forma orgulhosa ter sido o primeiro emissário do *Rebe* e de ter formado alunos que posteriormente tiveram destaque até em Israel. Sobre sua trajetória, contou que primeiro se estabeleceu no Rio de Janeiro, fazendo um trabalho educacional, até 1960, dentro da linha ortodoxa judaica “muito marcante”.

Naquela década, o Rabino veio para São Paulo e fundou, no bairro do Bom Retiro, a Sociedade Assistencial Cultural Religiosa Lubavitch. Seu irmão, que também estudou em Nova Iorque, na *yeshivá* do movimento Lubavitch, veio ao Brasil para ajudá-lo a comandar o *cheider*⁷ Escolinha Lubavitch, que hoje está localizada na Rua Correia dos Santos. Na década seguinte, o Rabino optou por deixar seu irmão com a escola do Bom Retiro, pois, segundo ele, “já estava consolidada e eu quis desbravar uma nova área”; assim, decidiu ir para Higienópolis. Ele tinha um projeto educacional religioso ortodoxo, por isso queria abrir uma

⁶ Leis dietéticas judaicas.

⁷ Cheider ou cheder é nome para a escola elementar do movimento ortodoxo judaico.

escola no bairro de Higienópolis, para que nela pudesse organizar serviços religiosos e, posteriormente, fundar uma sinagoga na região. O Rabino Begun conta com orgulho que foi o primeiro rabino do bairro, pois apesar de existirem duas sinagogas do rito *sefaradi* – a Monte Sinai, da comunidade que veio da Mooca, e a Mekor Haim, que a princípio era dos judeus egípcios, mas depois foi ocupada pelos judeus sírios e libaneses –, ambas não tinham rabinos. Mesmo sendo criticado pelo pessoal do Bom Retiro, que o considerava um louco por estar indo para uma área que nada tinha de *kashrut* e nem o necessário para uma vida ortodoxa, ele não perdeu sua postura determinada. Relatou que para tudo tinha que se deslocar nos primeiros tempos. Ele demonstrou o orgulho que sente hoje de sua trajetória, da sinagoga que montou para ele e da comunidade no entorno dessa sinagoga, a *sua* sinagoga. Ele se sente responsável e grande colaborador da vida judaica, estimulando, no bairro, a oferta de serviços específicos para aquela comunidade nas décadas seguintes, pois essa construção do território judaico ortodoxo foi a sua principal motivação para se instalar na região.

Dentro do recorte temporal que me propus estudar, a Sra. Póla foi a última entrevistada que chegou ao bairro, em 1972, depois de morar em vários bairros pela cidade. Ela relata que depois de casar foi morar no bairro da Penha, não porque escolheu, mas porque não encontrou nada para alugar nos bairros de Perdizes e Pompeia e porque seu marido, que era dentista, tinha um consultório naquele bairro. Quando relatou o porquê de sua saída da Penha, disse que primeiro foi porque detestou o lugar desde o primeiro dia, mas o motivo principal foi a educação dos filhos. Ela traz várias informações sobre a vida social judaica no bairro. Conta que as famílias judaicas tinham uma comunidade, também judaica, organizada e constituíram território com sinagoga e uma pré-escola. Sua filha mais velha fez só o pré-primário numa escola da região, pois não havia na sinagoga. Para a continuação dos estudos

dos filhos, a Sra. Póla conta que foi falar com o prof. Walter Lerner, que era diretor do Colégio Hebraico Brasileiro Renascença⁸, que nessa época possuía só uma sede, localizada no Bom Retiro. Nessa conversa, o prof. Walter prometeu que, se conseguissem mais cinco crianças, ele arrumaria uma perua para levá-las à escola; e assim foi feito. Ela relatou que era um sacrifício, pois as crianças foram para o Renascença mesmo morando na Penha; levava horas para chegar lá. Quando perguntei por que fez questão da escola judaica para seus filhos, mesmo morando tão longe e o trajeto sendo tão complicado, ela respondeu:

Olha, não era tanto que eu fizesse questão de escola judaica. Mas acontece que na Penha você tinha que escolher: ou você ia procurar uma escola judaica ou você punha na escola das freiras. Não tinha opção. Não tinha um colégio que não fosse religioso. Todo colégio lá era de padre e de freira. Por isso que eu mudei pro Bom Retiro, em 1967.⁹

A Sra. Póla não fazia questão de que seus filhos estudassem em escola judaica, mas matriculá-los em escola católica estava fora de cogitação. Desta forma, valeria o esforço enviá-los para estudar em outro local, e até mesmo mudar de bairro, ainda mais porque ela não gostava de morar na Penha. A mudança ocorreu, entre outros fatores, para constituir território para seus filhos, já que o local onde estavam não lhes oferecia opções. A Sra. Póla trouxe uma mudança de moradia diferenciada dentro da cidade, quando na década de 1960 os moradores do Bom Retiro que entrevistei estavam saindo de lá, a Sra. Póla fez o movimento

⁸ O Colégio Hebraico Brasileiro Renascença foi fundado em 1922, no bairro do Bom Retiro. Em 1968, foi inaugurada uma filial no bairro de Higienópolis.

⁹ Entrevista concedida a Lucia Chermont por Póla Cohen. São Paulo, 20 abr. 2010.

contrário, buscou o bairro em função da concentração e dos estabelecimentos étnicos, neste caso a escola, que existiam ali.

Quanto à mudança para Higienópolis, em 1972, a Sra. Póla aponta vários elementos, como as transformações que o bairro do Bom Retiro estava sofrendo, a construção do metrô bem em frente à sua casa, a falta de garagem no prédio em que morava – “ficou impossível de achar vaga”. Ela relata também que a mudança se deu na época em que seus filhos não estavam mais estudando no Colégio Renascença – a filha porque estava no colegial e o filho porque não se adaptou. Ela disse, com muita mágoa, que “até hoje o Renascença tem o problema que você não tem com quem falar, tem aquele monte de psicóloga, coordenadora, mas você não tem com quem falar”. As últimas impressões que a Sra. Póla teve do bairro do Bom Retiro, e que a impulsionaram a sair de lá foram as seguintes: o Bom Retiro tinha se transformado numa região central, com a obra do Metrô e os moradores dos prédios antigos, que não tinham garagem, por conta disso tinham que estacionar na rua, mas ela não encontrava vaga, pois na frente do prédio em que morava colocaram um ponto de ônibus. Para ela, o Bom Retiro foi se tornando insuportável. E a educação dos filhos, o motivo que ela relatou como mais importante, não estava necessariamente naquele local.

A ida para Higienópolis foi facilitada pela oportunidade de poder comprar o apartamento na planta e pagá-lo em prestações, pela facilidade de locomoção ao trabalho, pela proximidade do Centro e pela existência de local de lazer, mas sem ser no Centro. Mesmo considerando, na sua narrativa, que o fato de Higienópolis concentrar muitos judeus não foi relevante para sua vinda, ela relata que queria ficar próxima dos conhecidos que estavam no bairro. Quando perguntei sobre o motivo de os judeus terem se instalado no local, ela afirmou que, de modo geral, as pessoas gostam de morar onde moram seus amigos, conhecidos e

parentes. Foi esse o imperativo da instalação da comunidade no bairro. Na opinião da Sra. Póla, Higienópolis, no período da mudança, não oferecia grandes benefícios e serviços em relação a outros bairros da cidade, mas comparado à barulheira e à falta de vagas do Bom Retiro, sua mudança foi para melhor. Para ela, então, Higienópolis era, sob todos os aspectos, melhor do que o Bom Retiro.

Singular neste caso é que a Sra. Póla comenta que, na época em que mudou para o apartamento, cerca de oitenta por cento dos moradores eram judeus, mas o construtor e o incorporador eram de uma construtora chamada Sucar, cujos proprietários eram árabes. Se os outros entrevistados que compraram seus apartamentos na planta o fizeram entre amigos e familiares de maneira fortemente marcada pelas questões étnicas, como o Sr. Israel, o Sr. Leon, o Sr. Victor, a Sra. Myriam, a Sra. Geny e a Sra. Cecília, este não foi o caso da Sra. Póla e dos outros judeus que compraram os demais apartamentos do prédio.

Periódicos

KHOURY, Yara A. Narrativas orais na investigação da história social. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História* – PUC-SP, São Paulo, n. 22, p. 79–103, jun. 1997.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo - Revista do Departamento de História da UFF*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

Teses e dissertações

DECOL, René. *Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus*. 1999. Tese (Doutorado em Demografia)– Dpto. de Demografia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, SP, 1999.

MACEDO, Silvio Soares. *Mutação do espaço urbano o bairro de Higienópolis e arredores*. 1982. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)– Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo, 1982.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES NETO, Antonio Augusto. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. (Coleção Espaço e Poder).

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAC; STREIFF-FENART. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

BIGIO, Alain. *Travessia de Ismaleyah a Higienópolis: a história de um judeu egípcio contemporâneo*. São Paulo: Edição Privada, 2008.

BOSI, E. *Memória e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHERMONT, Lucia. Judeus em Higienópolis: dois momentos de reformulação urbana em São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DO ARQUIVO HISTÓRICO JUDAICO BRASILEIRO, 4.: memória e identidade – 300 anos de nascimento de Antônio José da Silva, o judeu, 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, 2008.

FISCHER, M. A etnicidade e os estratagemas da memória. In: CLIFFORD, J;

MARCUS, G. (Orgs.). *Writing Culture*. Berkeley; Los Angeles; London: Univ. of California Press, 1986.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOMEM, Maria Cecília. *Higienópolis: grandeza e decadência de um bairro paulistano*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1980.

INSTITUTO CULTURAL ITAÚ. *Bairro de Higienópolis*. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1996. (Coleção: Cadernos Cidade de São Paulo).

SOUZA, M. A. *A identidade da metrópole*. São Paulo: Hucited; Edusp, 1994.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.